

timentos e pensamentos complexos com signos mínimos, acompanhados de pouco ou nenhum texto, é tema de debate para semiólogos, lingüistas, teóricos da mídia e psicanalistas. Histórias em quadrinhos, cartuns e caricaturas são baseados em linguagens e discursos de natureza elíptica: pouco dizem explicitamente, muito deixam à fantasia do observador e à sua capacidade de reconstruir e inferir a parte de texto que falta, seu contexto, suas conotações simbólicas e até sua temporalidade. As imagens de HQ e de cartuns são, dizem alguns, “espaços que adquirem uma dimensão de temporalidade”.

O inglês Scott McCloud analisou os processos psicanalíticos que jogam papel importante na “leitura” ativa que o espectador efetua, por exemplo, ao assistir a uma obra cinematográfica. Referindo-se a cinema, o estudioso fala de uma capacidade de “fechamento” que pode ser aplicada também ao caso de cartuns, charges e quadrinhos: cabe ao espectador a tarefa de costurar, completar e dar significado às imagens estilizadas que aparecem no desenho, de maneira parecida ao que acontece com um leitor que se depara, no interior de um texto literário, com a figura retórica da sinédoque, quando uma parte é explicitada com a função de evocar o todo.

O acervo do Salão Internacional de Humor de Piracicaba é acessível na internet, no endereço – <http://www.salaodehumordepiracicaba.com.br>

Yurij Castelfranchi

LINGUAGEM

Fazer chiste não é fazer piada

O máximo de sentido para um mínimo de suporte. A brevidade é uma das principais marcas lingüísticas do humor. O chiste é breve, e é nele que reside, por assim dizer, a graça. E pode ajudar a descarregar uma agressividade que tem de ser reprimida. O chiste funciona, isto é, provoca hilaridade ou riso, por meio da brevidade que se expressa com a condensação: dois campos de significados se fundem, causando surpresa.

“Podem ser usadas palavras ou frases que tenham sentidos semelhantes ou sejam elas mesmas parecidas entre si. Por exemplo, detergente: a palavra pode ser desmembrada em ‘deter gente’, produzindo outro sentido”, explica o lingüista Sírio Possenti, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Um exemplo conhecido vem do próprio Freud, que conta o chiste do ‘facionário’, que condensa os vocábulos familiar e milionário.

Em outro chiste que o próprio Freud narra, um homem convida uma jovem italiana a dançar. Ela aceita, mas dança muito mal. O homem pergunta: – Todas as italianas dançam tão mal? E ela



O desenho marcante de Belmonte

responde: – *Non tutti, ma buona parti.* (Nem todas, mas boa parte). *Buona parti* ou *Buonaparti* (Napoleão)? Parafrapear ou traduzir o neologismo assim formado pode retirar toda a graça, a não ser que a tradução se dê para línguas latinas”, afirma a lingüista e psicanalista Viviane Veras. A dificuldade de tradução coloca em evidência a necessidade de um substrato culturalmente compartilhado, para que a operação seja bem sucedida.

IMAGENS Para Possenti, os mesmos mecanismos funcionam quando entram em questão as imagens. “A caricatura coloca em grande realce algo que seria um defeito, o que se faz de acordo

com os padrões culturais vigentes num lugar, numa época". Isso deve contribuir para que a linguagem humorística visual alcance uma comunicação quase que imediata com o público. Para haver chiste é preciso haver riso. De acordo com Veras, Freud tentou, de início, compreender o chiste, como outros haviam tentado, mas se descobriu compreendido no próprio mecanismo do chiste, que exige o riso. "Um efeito que se torna, afinal, a causa do chiste", explica. Assim acreditava Freud, que acabou se vendo diante de um grande dilema. "Se ele teorizasse apenas, deixando de fora o riso, isto é, se o próprio Freud não risse, não teria um chiste e, portanto, não teria seu objeto de

estudo", pondera Veras. "Por outro lado, se risse, se envolveria eliminando a distância necessária à neutralidade característica da atitude científica". Freud publicou *O chiste e sua relação com o inconsciente* em 1905, apenas cinco anos depois do seminal *A interpretação dos sonhos*.

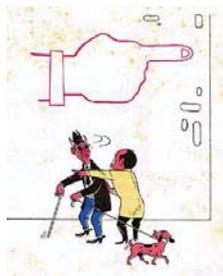
CHISTE O riso da audiência, do outro, está embutido no próprio conceito de chiste. Trata-se de uma operação que não prescinde de seus efeitos para se constituir como laço social ou seu oposto. "Vamos supor que alguém está conversando comigo e diz algo 'que não queria dizer'. Se rio disso e, esse alguém ri junto, fez-se um chiste; se ele ficar envergonhado, como se pego em flagrante, só terá havido um lapso. Ora, a distinção é momentânea, e pode ser lapso", diz Veras.

PIADAS As piadas, por sua vez, podem ter graça ou não. Por outro lado, a brevidade característica do chiste poderia, em princípio, estender-se a esse gênero textual, mas não necessariamente. Muitas vezes, a piada envolve uma narrativa que, em si, não é o que produz o riso. No entanto, é parte inextricável da performance daqueles que se convencionou considerar bons contadores de

piada. A descrição dos tipos, dos personagens, das situações, de certa forma, apenas envolve a audiência e a prepara para um desfecho cômico. E também retoma os estereótipos que são tão caros a esse gênero de humor. "O gênero textual 'piada' sempre põe em questão, dois pontos de vista, duas culturas. E acontece que eu lhe conto uma piada sobre X, mas ela na verdade se dá sobre Y", afirma Possenti. Piadas em geral incidem sobre campos socialmente controversos. Segundo Possenti, o texto parece querer dizer uma coisa e diz outra. Mas a controvérsia deve estar suficientemente popularizada, tem de ser conhecida para que o texto possa surtir o efeito desejado. "Dentre os campos em que há disputa, deve-se destacar: a sexualidade (bem ou mal comportada); as instituições (escola, religião, família, governo); mortes, desgraças, acidentes", afirma Possenti. Quando se trata de eventos trágicos, não se ri por diversão. O riso pautado na tragédia exprime o esforço humano em não se render e superar catástrofes pessoais ou coletivas. Mas tem limites. Como Possenti faz notar, pouco ou nada se riu do recente episódio do tsunami no Pacífico, pela magnitude do número de mortos.



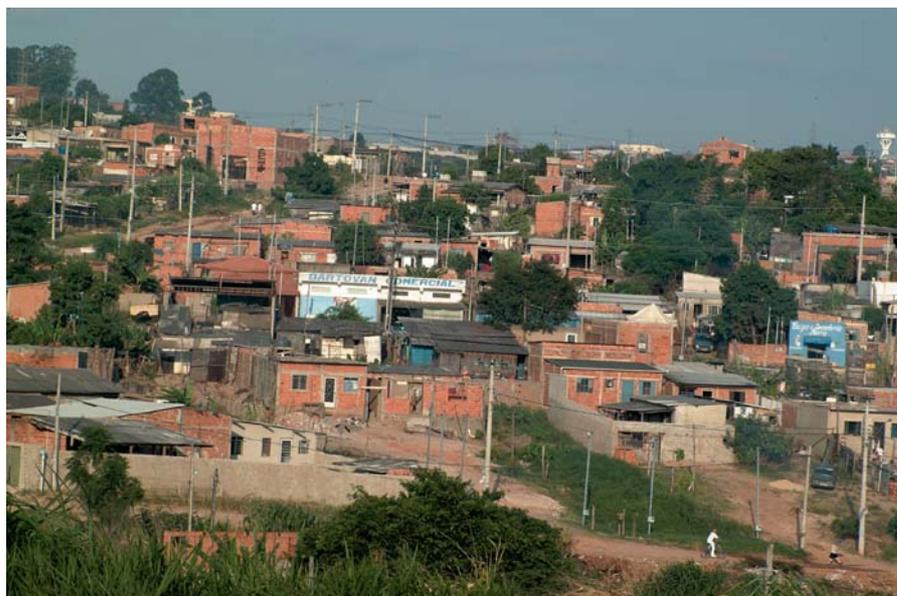
Reprodução



O humor característico de "O Amigo da Onça" marcou época na revista *O Cruzeiro*

As piadas, no entanto, não refletem a complexidade das controvérsias nas quais se apóiam. “O prazer deriva do reencontro de uma situação familiar, como estar em casa ou voltar à infância”, compara Possenti. “O adulto não brinca com as palavras tão freqüentemente quanto as crianças e os humoristas”. No nível da linguagem, há diversas complexidades morfológicas, ortográficas, sintáticas, que as crianças cometem por experimentarem com um código não completamente assimilado; quanto aos adultos, ocorrem por distração, brincadeira, ironia, agressividade. Não é à toa que, desde Aristóteles, outra característica considerada distintiva do humor é o rebaixamento. “Nesse caso, o riso brota de alguém que é feio, faz ou diz bobagens, tropeça, cai - um político que rouba, um filósofo que propaga incongruências”, explica Possenti. Além do rebaixamento, é preciso haver algo de surpreendente. E à surpresa se acrescenta a genialidade, o talento que um indivíduo tem para forjar a relação surpreendente. “A própria operação gera um prazer estético no ‘receptor’ quando este acredita ter percebido o que o outro quis dizer”, conclui o lingüista.

Flávia Natércia



Fernando Pitermann

A expansão das favelas iguala o perfil das grandes cidades

URBANISMO

Periferia e favelização avançam nas grandes cidades da América Latina

As condições de pobreza e desigualdade social na América Latina fazem com que 44% de sua população viva em favelas ou subúrbios com estrutura precária e condições mínimas de sobrevivência. Os dados, divulgados no início deste ano pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), identificam a maior parte das favelas nas cidades, onde vivem três de cada quatro latino-americanos. O estudo, intitulado “Pobreza e precariedade do habitat na América Latina”, mostra que a precariedade é maior nas

periferias das cidades do interior que, em sua maioria, não chegam a receber ajuda federal. Dos domicílios em bairros precários, 76% têm problemas de qualidade da construção e dos serviços básicos, como saneamento e iluminação. E a maioria desses domicílios é chefiada por mulheres. A estimativa da Cepal para os próximos 15 anos é que a população das grandes cidades crescerá 2%. Nos países mais pobres da região – Bolívia, Guatemala, Haiti, Honduras e Paraguai – esse aumento será de 3%.